


## SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO NECESSÁRIO

## SEXUALITY AND EDUCATION: A NECESSARY STUDY

## SEXUALIDAD Y EDUCACIÓN: UN ESTUDIO NECESARIO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-090>

Data de submissão: 10/05/2025

Data de publicação: 10/06/2025

**Vanacy Leão Amaral**

Universidade Federal do Pará

Programa de Pós graduação em Educação e Cultura

<http://lattes.cnpq.br/7460072332229326>

**Andrea Silva Domingues**

Universidade Federal do Pará

Programa de Pós graduação em Educação e Cultura

<http://lattes.cnpq.br/2400924000241808>

### RESUMO

O presente trabalho faz uma reflexão de alguns estudos que tematizam a importância do discurso sobre sexualidade dentro do espaço escolar. E nesse campo de análises de estudos e pesquisas, que entraremos no papel da escola enquanto instrumento de formação de sujeitos, para exercerem sua cidadania. Pois ainda que o tema da sexualidade esteja cada vez mais inserido no diálogo que envolve alguns segmentos sociais, mesmo assim a instituição escola, ainda reluta como um grande desafio, visto como tabu. Por tanto o estudo aqui proposto pretende-se relacionar as concepções e ideias atribuídas a sexualidade por alguns teóricos, que enfatizam a importância da abordagem da mesma dentro do ambiente escolar e o papel do professor como mediador desse processo transmissão de conhecimento. O levantamento bibliográfico, serviu como método de pesquisa para a coleta das informações e em seguida a estruturação da mesma para ponderações a cerca do desenvolvimento e organização das informações. E concluímos após a análise das informações coletadas, que os desafios de se discutir sexualidade dentro de sala de aula, se dá pelo fato de que a própria formação do professor ainda deixa lacunas nesse campo de abordagem sobre sexualidade, e que além da concepção que o professor tem dos seus limites para com a temática, ainda há um desafio posto pelas famílias, que rejeitam introdução de conceitos sobre sexualidade na vida escolar de seus filhos. Deixando nesse contexto de discussão uma teia de problemas que percorrem a trajetória de formação integral do sujeito.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Educação. Professores. Escola. Discurso.

### ABSTRACT

This paper reflects on some studies that address the importance of discourse on sexuality within the school environment. It is in this field of analysis of studies and research that we will address the role of the school as an instrument for training individuals to exercise their citizenship. Even though the topic of sexuality is increasingly included in the dialogue involving some social segments, the school institution still struggles to address it as a great challenge, seen as taboo. Therefore, the study proposed here aims to relate the concepts and ideas attributed to sexuality by some theorists, who emphasize the importance of addressing it within the school environment and the role of the teacher as a mediator in this process of knowledge transmission. The bibliographic survey served as a research method for

collecting information and then structuring it for considerations about the development and organization of information. After analyzing the information collected, we concluded that the challenges of discussing sexuality in the classroom arise from the fact that teachers' training itself still leaves gaps in this field of approach to sexuality, and that in addition to teachers' conception of their limits regarding the topic, there is still a challenge posed by families, who reject the introduction of concepts about sexuality into their children's school life. This leaves a web of problems in this context of discussion that run through the trajectory of the subject's integral formation.

**Keywords:** Sexuality. Education. Teachers. School. Discourse.

## RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre algunos estudios que abordan la importancia del discurso sobre la sexualidad en el ámbito escolar. Es en este campo de análisis de estudios e investigaciones que abordaremos el papel de la escuela como instrumento para la formación de individuos en el ejercicio de su ciudadanía. Si bien el tema de la sexualidad se incluye cada vez más en el diálogo que involucra a algunos segmentos sociales, la institución escolar aún lucha por abordarlo como un gran desafío, visto como tabú. Por lo tanto, el estudio que se propone aquí tiene como objetivo relacionar los conceptos e ideas atribuidos a la sexualidad por algunos teóricos, quienes enfatizan la importancia de abordarla en el ámbito escolar y el papel del docente como mediador en este proceso de transmisión de conocimiento. La revisión bibliográfica sirvió como método de investigación para recopilar información y luego estructurarla para consideraciones sobre el desarrollo y la organización de la información. Tras analizar la información recopilada, concluimos que los desafíos para abordar la sexualidad en el aula surgen de que la formación docente aún presenta lagunas en este campo de abordaje de la sexualidad, y que, además de la percepción que los docentes tienen de sus límites respecto al tema, persiste el desafío de las familias, que rechazan la introducción de conceptos sobre sexualidad en la vida escolar de sus hijos. Esto genera una red de problemas en este contexto de discusión que atraviesa la trayectoria de la formación integral del sujeto.

**Palabras clave:** Sexualidad. Educación. Docente. Escuela. Discurso.

## 1 INTRODUÇÃO

Dentro de um contexto histórico de formação da sociedade, se atribuiu conceitos e definições ao discurso sobre sexualidade, considerados por alguns estudiosos e teóricos, como um atributo de poder na relação entre as classes sociais, predominantemente nos aspectos políticos e culturais. Foucault (1988), em seus estudos sobre a história da sexualidade, fala da repressão que se estabelecia ao se falar sobre as configurações referentes ao sexo, afinal: “A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir”. (Foucault, 1988, p.7)

Nesse campo de informação viemos com a proposta de investigar estudos relacionados a sexualidade no campo educacional, mas em um aspecto mais específico, de como a escola trabalha a educação sexual e o que esses conceitos antropológicos refletem até o dia de hoje no processo de ensino aprendizagem. Será que os professores estão preparados para dialogar em sala de aula sobre as definições e representações da sexualidade na vida de cada indivíduo. Compreender a dinâmica escolar no cenário de discussão sobre sexualidade, supõe um envolvimento cultural nesse processo de diálogo. A sexualidade ficou por um longo período na vida dos sujeitos, com o sentido de unicamente de reprodução. Uma barreira rompida entre o silêncio e as primeiras definições sobre sexualidade, vem com teoria de Freud (1997), de que todo ser humano ao nascer, possui sexualidade, onde não se remete apenas aos órgãos sexuais femininos ou masculinos, mas falamos de desejos e emoções, corpo e as suas representações dentro da sociedade, aspectos que definem o comportamento e suas reorientações na vida do indivíduo, sendo essências para sua formação. Dada essa importância do tema em foco, supõe que a escola precisa inserir um campo aberto de diálogos a cerca da temática, e essa mediação do discurso inicia-se no papel do professor e sua capacidade de interagir no cotidiano pedagógico.

Nesse sentido o professor ao estabelecer um diálogo sobre sexualidade dentro do espaço escolar, vem à tona várias configurações que interpelam o desenvolvimento de conteúdos estabelecido. Para Lopes (2008), as questões culturais não podem ser desconsideradas pelos educadores, pois podem ocorrer que a escola se distancie das representações simbólicas, das mentalidades e indagações que envolve comportamentos de crianças e jovens na sociedade atual. Esse trabalho também apresentará outros estudos de teóricos e pesquisadores, para um olhar mais amplo na luz da problemática levantada aqui.

Para o desenvolvimento desse trabalho foi necessário adentrar em vários eixos temáticos que se agrupam ao entorno da configuração da sexualidade no processo cultural e social dos sujeitos, assim buscamos compreender algumas teses e estudos que indagam a formação desses eixos no desenvolvimento da sociedade, e a relação que os mesmo tem no contexto subjetivo da sexualidade de

homens e mulheres, como: gravidez na adolescência, violência sexual contra crianças e adolescente, homofobia, violência contra mulher e feminicídio, essas complicações levantadas, envolvem grupos específicos de pessoas inseridas em um contexto sociocultural

## 2 EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE

Atualmente discute-se reiteradamente o papel do professor na estruturação da sociedade e seu contexto no futuro. Para Antônio Nóvoa, onde em seus estudos postulados, vem apresentar um debate sobre o “excesso discurso e a pobreza da pratica”, que envolve o cotidiano dos professores no espaço escolar.

Não pretendo, obviamente, sugerir uma oposição entre “discursos” e “práticas”, como se estivéssemos perante dois mundos distintos. Bem pelo contrário. Quero demonstrar de que forma os “discursos” induzem comportamentos e prescrevem atitudes “razoáveis” e “correctas” (e vice-versa). Mas quero mostrar, também, no modo como eles constroem uma ideia de profissão docente que, muitas vezes, não corresponde à intencionalidade declarada. (Novoa, 1999, p.02)

A formação do professor é fundamental e essencial para muitas vezes o desenvolvimento do ensino e para o progresso social e cultural da sociedade; quando o autor se refere ao excesso de discurso atribui essa análise ao extenso campo de pesquisas direcionadas aos professores suas formações profissionais, com ênfase dada aos pedagogos. E mesmo com esse excessivo campo de discussão percebe-se que as formações de professores nos cursos de graduação não são suficientes para que suas práticas profissionais sejam exercidas com qualidade, situação gerada pela própria desvalorização pública ao papel do professor enquanto elemento fundamental para a formação dos sujeitos e suas interações sociais. O professor acaba retroagindo as suas próprias convicções e estabelecendo uma postura individual a cerca da sua prática no cotidiano escolar. Tudo isso está relacionado a importância dada a educação nos discursos políticos e planejamento educacional, assim como as leis presentes nesses campos de discussão sistematizada a educação. Assim cabe dizer que:

Nos últimos anos, tem-se insistido, ora na formação inicial, ora na formação continuada. Mas, tanto num caso como no outro, há tendências claras para a “escolarização” e para a “academização” dos programas de formação de professores. Assim sendo, e apesar da retórica do “professor reflexivo”, os resultados conduzirão inevitavelmente a uma memorização dos professores face aos grupos científicos e às instituições universitárias. Ou, como diria Ademar Santos, para que os professores das “escolas superiores” continuem a ditar as suas leis aos professores das “escolas inferiores”. (Novoa, 1999, p.11)

Por tanto, a formação dos professores precisa ser repensada e planejada dentro do estabelecimento as novas vivências e representações culturais que estão no contexto dos grupos sociais e suas diversidades, para que o professor não caia no discurso de fracasso e qualidade na formação dos alunos.

Nesse campo de análise da formação de professores e como caminha o ensino da sexualidade no cotidiano escolar, é que buscamos fazer uma reflexão sobre as informações direcionadas a esse campo temático.

Foucault (1988), relata em seus estudos sobre a história da sexualidade, que existe uma intencionalidade política de poder para que sejamos reprimidos a exposição daquilo que o sexo representa na vida de cada sujeito.

A questão que gostaria de colocar não é porque somos reprimidos, mas porque somos reprimidos, mas porque dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos. (Foucault, 1988,p13)

Desse modo o comportamento dentro de um contexto social está atribuído a forma como nos apropriamos das informações e conceitos sobre as coisas e os sentidos que damos a elas. Passamos décadas sendo reprimidos para não falar do nosso corpo, emoções e desejos, sobre o sexo e suas verdades e percebemos que isso reflete até o tempo presente. Nesse sentido é relevante mencionar aqui a função da escola, nesse processo de organização e socialização das informações para que o sujeito possa se apropriar do conhecimento. Assim relacionamos a conduta e posturas na sala de aula de professores e alunos ao dialogar sobre sexualidade, e muitas pesquisas apresenta, resultados paliativos ao que se atribui como educação sexual no ambiente escolar.

Não podemos deixar de mensurar, que existe um longo período de lutas para que a educação passasse a ser sistematizada dentro de um espaço, que todos os indivíduos tivessem acesso a ela, assim a educação passou a ser organizada dentro das escolas e suas primeiras configurações foram surgindo.

Nunes (2010) em sua obra nos alerta que pela denominada modernização de uma sociedade , que se dá pela indústria as formas de produção tornam-se complexas, alterando as organização social e criando-se novas formas de se viver e condições para o conhecimento humano, nessa situação a educação é alterada de forma expressiva. Pelo que observa-se nos escritos de Nunes (2010), a escola está envolvida na sua conjuntura ao movimento do fortalecimento das industriais no sistema econômico e consequentemente gerando reflexos e mudanças no cotidiano de vida das pessoas. O processo de organização social vai se configurando e os sistemas de gestão pública e política começam a ser definidos, períodos históricos que marcam e regulam os direitos e deveres dos considerados sujeitos de direitos chamados de cidadão, conceitos e definições que são atribuídos as pessoas que apresentam sua identidade e passam a gozar de alguns benefícios públicos e a nova ordem social vai imperando sua força.

Muitos caminhos percorridos até a promulgação da Lei, 13.005, de 25 de junho de 2014, que estabelece o PNE( Plano Nacional de Educação), insere no currículo escolar a educação sexual, mas

no bojo do objetivo do ensino, restringe-se seus conteúdos programáticos, dando ênfase aos órgãos sexuais femininos e masculinos e as doenças sexualmente transmissíveis. Mesmo nesse contexto restrito de conteúdos estabelecidos dentro da escola, surge o movimento de resistência, e o contexto cultural e suas representações começam a ser ressignificado, e aumentar o diálogo sobre sexualidade, seja nos meios de comunicação e segmentos sociais, contudo após décadas de silêncio e repressão.

O tema sexualidade e o desejo aparecem na mídia continuamente ( aTV por exemplo e cada vez mais sexualizada), muitas vezes ajudando a normalizar visões normalizadoras e homogeneizadoras da sexualidade, ainda que mais recentemente visões alternativas para o que se entende como normalidade estejam também tematizadas. (Lopes, 1997, 127)

A autora faz referências a novas representações que surgem para se referir a sexualidade e sua diversidade de identidade; diálogos e definições a cerca dos conceitos utilizados pela sociedade como gays, lésbica, travesti, bissexuais, transexuais e suas vidas cotidianas; todas essas identidades de sujeitos estão inseridas nos estudos sobre sexualidade e mais uma vez como a escola conseguiu interagir com a diversidades de sujeitos internamente no espaço escolar e o professor na sua prática ter a oportunidade de fortalecer seu discurso para que não seja subtraído pela ausência de informação.

A sociedade passa constantemente por um processo de transformações, e no que tange a sexualidade, essas transformações afetam, sem dúvida a forma de viver e de se construir identidades de gêneros sexuais, pois “na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto” (Louro, 2000,p.02). Nesse sentido de subjetividade surgem várias indagações que para Louro (2000), não estão vinculadas a uma situação particular, mas também envolve fatores sociais e políticos. A sexualidade é algo inerente a condição humana, por tanto ela é construída ao longo da vida.

Nesses aspectos de diálogos pode-se dizer que os estudos da sexualidade vêm relacionar de uma forma indissociável o indivíduo e a sociedade.

Os estudos dos processos históricos culturais demonstram como algumas condutas, perfeitamente aceitam em determinados momentos da história passam a ser interditas em outros períodos modificando a forma como os sujeitos vivenciam as sensações corporais. (Heilborn, 2006, p.44)

Para Foucault (1988), acabamos transcendendo nosso comportamento para diferentes períodos históricos:

Através de que caminho acabamos ficando “em falta”, com o nosso respeito ao nosso sexo, e acabamos sendo uma civilização suficientemente singular para dizer a si mesma que, durante muito tempo e ainda atualmente, tem “pecado” contra o sexo por abuso de poder. (Foucault,1988, p14)

Como o ensino sistematizado vem contrapor a todo esse discurso controlador, que envolve de certa forma o cotidiano das escolas, pois nelas estão inseridas meninos, meninas, crianças, jovens, adolescentes, homens, mulheres e várias diversidades de gênero. Já no processo de transição de períodos históricos inicia um discurso diferente sobre sexualidade.

Entretanto por volta do século XVIII, nasce uma incitação política e econômica e técnica ao falar sobre sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob a forma de análise, de contabilidade, de classificação e especificação através das pesquisas ou causais. (Foucault, 1988, p.31)

Todo esse arcabouço de teoria e estudos relacionados a sexualidade devem ser pensada a partir da formação do sujeito e suas representações para o desenvolvimento da sociedade onde o mesmo está inserido, considerando que a educação escolar é o caminho para que essa formação do sujeito seja de forma constante e que acompanhe o processo transitório e cultural em que a sociedade está envolvida.

Entraremos na percepção de alguns estudos culturais que possibilitam uma compreensão das representações e significados que estão envolvidos no cotidiano e vida dos indivíduos, pois se por muito tempo a linguagem utilizada para falar sobre sexualidade foi restrita, seja ela por palavras escritas, oralidade ou até mesmo expressões simbólicas no seu discurso, perceberemos nos estudos culturais a importância da linguagem na configuração das nossas vivências culturais e afirmação da identidade.

A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. À representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos — e é esta a ideia primordial e subjacente que sustenta este livro. (Hall, 2016, p.18)

O poder de domínio que a linguagem exerce é determinante para a formação do comportamento das pessoas refletindo nos aspectos culturais e sociais; se para nós foi imposto o puritanismo de conhecer sobre nossa própria sexualidade, e aquilo que nos era dito como verdade, imperou e nos fez acreditar que sexo era coisa de gente depravada e não uma necessidade peculiar a condição humana. Se no século XVII, as crianças não faziam sexo eram proibidas de entender seus significados, brevemente viemos a reafirmar na teoria de Foucault (1988) que relaciona esse discurso ou ausência de diálogo, como uma relação política de poder, Uma sociedade machista em que viSa a mulher como objeto sexual, e as crianças doutrinadas para exercer o mesmo papel, desta maneira enraizando uma cultura de submissão entre homens e mulheres.

Os significados culturais não estão somente na nossa cabeça — eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos. Em parte, nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de



interpretação que levamos a eles. Em parte, damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas. (Hall, 2016, p.20)

Os sentidos também regulam e organizam nossas práticas e condutas: auxiliam no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada. Eles também são, portanto, aquilo que os interessados em administrar e regular a conduta dos outros procuram estruturar e formalizar (Thompson, 1997).

A linguagem e seu discurso não defini comportamentos e hábitos culturais, mas como essas representações da linguagem gera sentido e significados, é a representação que dá sentido ao objeto simbolicamente utilizados, por meio de vários sistemas representacionais.

Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. A linguagem simplesmente reflete um significado que já existe no mundo dos objetos, pessoas ou eventos (reflexiva)? A linguagem expressa somente o que O falante, o escritor ou pintor quer dizer, o significado intencional pretendido por ele ou ela (intencional)? Ou o significado se constrói na linguagem e por meio dela (construtivista)? (Hall, 2016, p.32)

Dentro desse contexto refletimos como a linguagem atribuída a palavra sexualidade e suas representações foi assimilada pela sociedade, pois até o tempo presente existe a cultura do silêncio em falar sobre sexo, e não estamos simplesmente falando somente de prazer no ato de gozar, estamos falando de desejos e emoções que se manifestam por meio do comportamento do indivíduo. Neste trilhar, revelava-se um processo de importância secundária, dada os aspectos relacionados a sexualidade de homens e mulheres; fortalecendo dentro do discurso posto no processo cultural de formação dos espaços sociais, sentidos negacionistas ao sexo e a sexualidade.

Os estudos sobre sexualidade são amplos e diversos e estão entrelaçados a problemas que vão além daquilo que se configura como algo direcionado ao sexo. Para Bourdieu (2001), o domínio do gênero masculino, representa de certa forma uma de violência simbólica; segundo o autor a violência simbólica, inicia na produção recorrentes crenças no processo socialização, que estimulam o indivíduo a se ordenar no espaço social seguindo normas e padrões do discurso dominante. Essa simbologia se dá por diversos diálogos, e nesse sentido, ao falar de sexualidade eventualmente podemos pensar que o discurso sobre sexualidade é dominador.

A educação sexual na escola, provoca um certo temor, para Figueiró (2001), é necessário que se tenha clareza do que é sexo e sexualidade, o professor precisa passar por um processo de formação, para que o seu aluno tenham informações claras, objetivas e pautadas em pesquisa científicas.



Qual seria o papel do professor que se dispõe a falar sobre sexualidade no espaço da escola? Alguns pais se preocupam, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. (Figueiró, 2004, p.02)

A autora vem afirmar que um dos desafios para abordagem da sexualidade na sala de aula é a resistência dos pais, ao considerar que os professores possam passar valores diferentes do que a família vive, como por exemplo: sexo só após o casamento. Então cabe a escola desmitificar esse sentido que a família atribui ao ensino da sexualidade no cotidiano escolar.

O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham lhes inculcar ideias de pecado. (Figueiró, 2004, p.02)

A escola e todo seu coletivo deve estar preparada para a discussão do que realmente representa a sexualidade do indivíduo; a ausência de um diálogo a cerca da temática pode trazer sérios problemas para a sociedade como um todo, pois esse conhecimento abordado na escola faz parte do processo de formação dentro dos aspectos essenciais para o viver em sociedade e o bem cuidar dos sujeitos, não devendo desta forma ser a educação sexual apenas um tema que complete, ou transe os conteúdos disciplinares, mas sim uma proposta de currículo e disciplina específica.

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentro dessa perspectiva de análise bibliográfica e dos estudos sobre sexualidade no campo da pesquisa científica, destacamos a importância de estudiosos que discutam a temática no tempo presente, articulando o real vivido pelos alunos no espaço escolar para melhor contribuição no processo identitário dos sujeitos, repetindo as diferenças dentro da diferença de ser, afinal o espaço escolar é uma constelação de saberes e de sujeitos diversos. Pensar a Educação Sexual, fora do eixo repressor, mas como forma de conteúdos pensados pelo coletivo, que possam contribuir de forma eficaz com o bem viver dos sujeitos em sociedade democrática, sem medo e sem tabus.

Os estudos de Foucault, nos fazem refletir muito sobre comportamentos com padrões autoritários, pois nas suas bibliografias ele apresenta essa representação machista e autoritária que vivemos até o tempo presente, sendo o reflexo de uma cultura enraizada que de certa forma orienta nossas atitudes.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. Revista Linhas, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Tradução de Maria Tereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses, 1898. In: FREUD, Sigmund. Primeiras publicações psicanalíticas. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 251-274. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).
- HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidade em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria (org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/FVqZ5WXm7tVyhCR6MRfGmFD/>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- NUNES, Clarice. Anísio Teixeira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).